

As Cinco Estações do Amor (fragmento)

João Almino *

Tenho, então, Glorinha, a ideia de escrever o relato. Minha versão do balanço de vida prometido para o encontro. Mas nada forçado, sabe? Relato sem prazo nem objectivo. Se morro, deixo o texto incompleto com Chicão ou o próprio Norberto. Naquele momento, quero começar por algo extraordinário. Mas o que de extraordinário tinha acontecido na minha vida? Eu era apenas uma aposentada que, ainda por cima, tinha me aposentado cedo demais, por causa da generosidade de uma lei, e agora estava mais pobre por causa da severidade de outra. Eu havia tido uma vida média. Média mesmo. Nada de emocionante, de pitoresco, engraçado, heróico, você me conhece. Nada de excitante. Nenhuma história de amor bem sucedida. Nenhum desastre fantástico. Nenhuma tragédia capaz de comover. A não ser o escândalo da história de Paulinho. Mas sobre isso, não escreveria. Minha separação de Eduardo, mesmo com tintas fortes, não servia de argumento sequer para a pior das novelas de TV. Minha maior desgraça era a de ser média, entende? Viviam minha vida como uma tragédia quotidiana, permanente, sem um facto que definisse aquela tragédia. Até da análise eu já havia tido alta - e isso pela segunda vez. Faltava o que você poderia chamar de grandeza. Uma falta de aventura; de um sentido maior para minha existência. Uma falta de mar, e não pense que era por morar em Brasília. Esta era minha tragédia.

Uma tragédia que doía, não como pontadas no peito, mas como uma enxaqueca chata e previsível, que eu disfarçava como podia, não é? Conseguia disfarçar até bastante bem, e não só com meus cremes de pele! Também com meu sorriso de Mona Lisa, onde um colega de faculdade chegou a enxergar a própria felicidade, você já viu disso? Ou então disfarçava com muitas gargalhadas, como as que Chicão me provocava. Elas desopilavam meu fígado e me faziam esquecer minha melancolia. Ali estou eu, Glorinha, veja: com os papéis em branco na minha frente, sobre a escrivaninha do quarto. Eles esperam de mim uma enormidade: palavras incontidas, como pinceladas vermelhas. Como sangue. Como aquele sangue que está no quadro que Norberto tinha pintado de mim, aquele que você agora vê nesta parede em frente. Olha que horror! Ainda sinto naquele momento a febre, calafrios. Quero que a emoção saia na tinta de minha caneta, límpida e pura, entende? Uma pretensiosa, você vai me dizer, e está certa. Na minha imaginação arranjo as tintas e separo os pincéis. Acendo mais um cigarro e fico olhando a fumaça que sobe do cinzeiro, achando que vai me cair do céu um raio de inspiração. Sinto que logo logo vou embora e, portanto, aquele texto vai ser a última coisa que vou escrever, como testemunho dos cacós que ainda restam de mim. Pretendo ficar ali

* O presente texto é um fragmento de um trabalho em andamento, o romance *As Cinco Estações do Amor*.

escrevendo até morrer. Que Chicão e Norberto depois mostrem meu relato no encontro dos “inúteis”!

Dissolvo uma grande bisnaga de tinta vermelha sobre minhas recordações, com a intenção de deixar pinceladas grossas e gestuais sobre o papel em branco. Tomo de uma caneta como se fosse o revólver que tinha acabado de comprar. Aponto-a para o papel disposta a atirar. Feito uma desesperada, pretendo pôr ordem na ventania do caos que vem ao meu encontro; descobrir um significado para factos desconstruídos, dar unidade a um universo infinito de fragmentos, encontrar a frase certa em que palavras fundamentais, como o amor e a vida, sintam-se amparadas. Mas nada! Só um branco silencioso, de um silêncio mortal, de dar ódio. Só uma enorme falta de não sei o quê. Ou, se você quiser, um bloqueio. Rasgo os papéis, furiosa.

Não sei se é por causa desse bloqueio, por ter pensado no compromisso dos “inúteis”, por me sentir tão doente ou ainda simplesmente porque já se aproxima o fim do milênio, que tomo então a decisão de fazer uma limpeza nos meus papéis, como se estivesse me preparando para cruzar a linha tênue que separa a vida da morte. Releio uma carta de Maria Antônia à época do desaparecimento de Paulinho, quando me aconselhava a escrever, com todas as letras, minha versão dos acontecimentos. Talvez ela tivesse razão. Fosse uma responsabilidade minha. Mas o único facto biográfico meu que interessava ao grande público era meu caso com ele. E sobre isso, o que podia dizer? Que Paulinho e eu nos conhecíamos desde criança? Que o via então como meu futuro marido? Dizer, melodramática, que ele era um pedaço de mim, que me faltava? Que o amava por não possuí-lo? Que não sabia de nada, absolutamente nada, sobre seu desaparecimento? Que acreditava na versão de que tinha sido morto por criminosos comuns que o tinham confundido com um empresário milionário? Nem morta! Eu tinha crescido com a impressão de que Paulinho e eu éramos almas gêmeas, sabe, Glorinha? Ele era eu, em preto e homem.

Será possível revelar aos outros, como se fosse a verdade, aquilo que os

nossos sentimentos mais íntimos vêm? A mesma imagem, assim como a mesma pessoa, pode ser triste ou alegre, boa ou má, dependendo do ponto de vista da gente. O coração tem memória, Glorinha. Às vezes ela se chama saudade, outras ressentimento. Minha paixão por Paulinho distorce tanto a imagem que tenho dele, quanto meu rancor de Eduardo. Meu deslumbramento por um enxerga tão pouco quanto minha mágoa do outro. É por isso que, numa história em que se mesclam os dois, até hoje não tenho a isenção para descobrir o ângulo sóbrio pelo qual os outros possam enxergar a verdade do meu coração, não sei se você me entende.

Naquele momento penso no que poderia acontecer comigo se um dia Paulinho reaparecesse, como nas histórias de retornados da guerra tidos como mortos. Naquela época - que afinal não faz tanto tempo assim - continuo à sua espera, talvez porque sentisse, à antiga, que o verdadeiro e grande amor nunca morre e só é vivido uma vez. Mas, então como hoje, dos dois, ele e Eduardo, quem está presente, em carne e osso, é apenas infelizmente Eduardo, que me manda notícias e pergunta por mim a amigos comuns.

Aí tenho um estalo, sabe, Glorinha? Uma visão: meu relato deve ser uma actividade inocente e essencial, como se eu estivesse construindo, com tijolos velhos, uma casa espiritual nova, uma só, que abrigasse todo o meu passado. Não seria um diário, entende? mas um livro do meu presente em movimento, em que as fronteiras entre passado e futuro estão apagadas. Um presente em movimento até o fim dos meus dias. É então que desenvolvo a teoria do instantaneísmo, de que lhe falei, cuja premissa é muito simples: a realidade é o instante presente. É claro que eu ainda precisava de passar pelo que passei para entender melhor que o instante também se tece com ilusões, memórias e vidas imaginadas.

Ao contrário de *Funes, o memorioso*, o personagem de Borges que não esquecia nada e se lembrava de tudo, quero esquecer tudo, para ter a liberdade de pensar e escrever espontaneamente, guiada só pelo desejo. Quero também deixar de lado

o futuro, para não construir ilusões e nem prever desastres, o que, em vez de evitá-los, tenho a impressão de que talvez os acelere. Quero captar o instante, começar do zero. Sem a carga do passado. Sem história, nem rumo. Apagar-me. Imobilizar-me. Condensar minha vida no instante, viver exclusivamente nele, dele, feito meu cachorro Rodolfo, ali a meus pés. O presente instantâneo. Um instante que se prolonga, como numa figura borrada ou como quadro depois de quadro de um filme que não pára de rodar. Zero, aquele momento em que escrevo, a um passo do abismo e do paraíso. Não sei se já sucedeu isso com você, mas comigo é frequente: ver a mesma coisa como promessa de céu ou de inferno. Tudo ali depende de um triz, está por um fio, que pode ser desde aquela linha tênue de que lhe falava, até o meu humor ou um nada de realidade.

Sinto, naquele momento, Glorinha, que posso me apoiar naquela iluminação que tenho - acho finalmente que é disso que se trata, de uma iluminação - para dar um grande salto. Às vezes é melhor ter coragem de recomeçar, de jogar fora. Até mesmo amores. Você me conhece, não sou de preservar o que me atormenta. Por isso definitivamente me havia desfeito de Eduardo. Se consigo recomeçar do zero, estaria também cumprindo fielmente a promessa feita naquele encontro de há trinta anos. E os outros "inúteis"? Fariam um esforço semelhante de renovação espiritual? A fumaça do cigarro sobe do cinzeiro, feito uma chaminé. Rodolfo me espia com o rabo do olho, como quem desconfia de que tenho minhocas na cabeça. Depois baixa a sua própria cabeça sobre as patas, franze as sobrancelhas e deixa seu olhar triste perder-se no infinito, um infinito muito mais concreto que o meu e bem à altura do chão.

Eu lhe digo, Glorinha, que tudo isso "acontece" naquele dia e não que "aconteceu", pois quero que você me acompanhe nesse instante que viaja e está sempre em movimento, deixando aquelas infundáveis manchas borradas de que lhe falava; quero lhe mostrar por dentro a vivência de um instante, não sei se me explico bem. Presente instantâneo do acontecido. Afinal, o passado é só um rastro do instante,

num instante qualquer, você não acha? Então? Naquele instante penso que vou viver sem rumo, só viajando dentro de mim. Que o importante na vida não é atingir um objectivo, chegar a um lugar, mas curtir cada momento. Que meus medos e projectos nada têm a ver com a realidade objectiva, porque eu já tinha perdido a noção de objectividade e não me interessa saber o que é real além da percepção instantânea.

Olhando aquela folha de papel, ainda em branco, sinto que as verdades estão depositadas em larvas de palavras, à espera de situações, certamente as mais banais e inesperadas, que possam lhes dar forma e juntá-las umas às outras para fazer sentido.

Depois de muitas noites trôpegas, mas já plenamente recuperada de minha gripe, descubro o ovo de Colombo. A ideia me vem quando penso no alívio de não ter tido de ler tantas notícias inquietantes desde que Berenice tinha deixado de comprar os jornais. Minha nova ocupação vai certamente me dar prazer por meses a fio. Não é só dos jornais que não preciso. Tomo a decisão de separar a montanha de livros, cartas e outros papéis acumulados durante a vida, com a intenção de transformá-los, como se eu fosse uma máquina, numa mistura esfarinhada de palavras, que depois eu poria - toda ela - no mesmo saco. Só por ter esta ideia, sinto-me leve e fagueira e posso finalmente dar seguimento ao relato.

Não que eu tivesse tido uma ideia brilhante ou sequer inventado alguma coisa, eu sei disso. Desde que, há cinco mil anos, os sumerianos tinham cunhado a sua escrita, para fixar mensagens, registrar factos e pensamentos de maneira durável... Desde que, há três mil anos, os fenícios tinham criado o seu alfabeto, pai de quase todos os sistemas alfabéticos do mundo, a escrita podia ser apagada, transformada e perdida. Desde que, há sessenta mil anos, existia a linguagem, a língua podia comer a língua e podia também fixar para sempre o instante.

O método seria o seguinte: eu supriria a ausência dos papéis que ia rasgando, com novas palavras, que ia escrevendo nas folhas de papel em branco. Assim ia deixando numa folha uma mágoa,

noutra uma alegria, noutra ainda luto e tristeza. Dos livros bastaria extrair o que tinha ficado retido na memória. Queria libertar o que pesava nela, compreende?

De facto, não é, Glorinha? a memória é um arquivo de gavetas fechadas. Várias das chaves das gavetas são feitas de pessoas, de objectos, de coisas que cercam a gente, das cartas, fotografias e livros. Cada carta, cada uma delas, abre uma enorme gaveta de recordações, que talvez ficasse fechada para sempre se a carta não estivesse ali, exibindo fisicamente suas frases. Ao destruir cada carta, eu estava abrindo uma daquelas gavetas, multiplicando, portanto, as possibilidades de registro no meu relato de despedida, que pretendo naqueles dias ir compondo aos pouquinhos, um parágrafo aqui, outro ali.

Ficar nua e leve, me desfazer daqueles papéis, renascer livre da carga do passado, é tudo o que quero naquele instante. Sei que com ideias murchas ficava difícil me vingar de palavras adormecidas. Porém, pode crer que tenho o pressentimento de que os papéis vão gritar, chorar, ao ser rasgados, recobrando vida às ideias e aos sentimentos armazenados ali. A partir de então, minhas palavras de ordem são: nada retido, nada guardado. É chegado o momento de descarregar o que venho acumulando. E também de liberar as palavras dos blocos - graníticos - feitos com as emoções que o tempo tinha calado. Que elas saíssem, feito facas afiadas, esculpindo o espírito do instante, penso assim então, não sei se me faço explicar. Naquele momento, quero viver como num hipertexto que nunca pára de se construir, em que a escrita é um diálogo contínuo e infundável com a mente ou um contraponto da vida. Quero apagar todos os livros, para deixar brilhar, sozinho, o livro natural, que não sei se você conhece: aquele em que se acreditava em Yucatan, o que não foi escrito por ninguém, que vai passando ele próprio suas páginas, abrindo-se cada dia numa diferente, e que, por ser vivo, sangra quando tentam virar suas páginas. Minha revolução interior depende da coragem que eu tenha de ir compondo aquele texto, sempre no presente, enquanto me desfaço dos papéis acumulados. Os papéis a menos aumentarão meu

espaço de liberdade.

Vendo minha arrumação, Berenice me diz:

“A senhora me desculpe, Dona Ana, mas acho que a senhora está fazendo loucura de se desfazer dos livros.”

“Pode jogar no lixo, Berenice,” eu ordeno.

“A senhora está fazendo besteira, olhe o que lhe digo,” ela insiste.

“Então deixe ali naquela pilha. Depois decido,” falo assim. Me passa pela cabeça que é melhor mesmo ir fazendo uma enorme pilha de papel. Posso, por exemplo, deixar separado, num canto, por uns tempos, tudo o que diga respeito ao amor, que, apesar de me ter tratado tão mal, merece, afinal de contas, minha consideração, pois nele cabem todas as virtudes. Seria a pilha do amor, que talvez ainda pudesse me fazer ver algo distinto do que a vida vinha me ensinando: que não posso ter o impossível, ou seja, o outro à altura de meu sonho.

Pois bem, Glorinha. Naquele momento decido que vou limpar minhas prateleiras, esvaziar a casa. A prioridade é o quarto a ser alugado, talvez ao próprio Norberto. Os papéis que me incomodam são a tal ponto parte de minha vida que a única maneira de me desfazer deles é transformá-los na farinha de palavras de que lhe falei, farinha pouca e densa, socada a ponto de virar um livro de pedra, ou seja, um livro da vida, que é simples e misteriosa como uma pedra.

Seria minha versão do *Livro Absoluto* que Mallarmé quis escrever no fim da vida e acabou destruindo antes de morrer, ou daquele, citado no conto *A Biblioteca de Babel* de Borges, que abrange perfeitamente todos os demais. Sua feitura deveria ajudar a libertar-me dos livros de minha biblioteca e dos papéis acumulados — cartas, anotações, poemas, páginas e páginas de diários e outros escritos. Seria meu *museu de tudo, caixão de lixo ou arquivo*.

Vou à luta então. E desde o começo não tenho dúvidas de que aquela é minha odisséia de muitas ondas e correntes, em que enfrento ventos e tempestades num mar infinito, mar de muitos encontros, no qual viajo sozinha. Sozinha com meus papéis e minha caneta.

Naqueles dias, escrevo com o mesmo

estilo como vivo, ou seja, como me dá na telha. Perco ideias no meio do caminho e incluo no texto o que me vem à mente, sem disciplina. Não tenho nada a perder. Só palavras. E como é bom jogar fora palavras e ainda ser capaz, como uma fábrica, de produzir outras. Sinto que guardar palavras excessivamente, protegê-las, dificulta a expansão não só do texto, mas da minha própria vida. Passando da teoria à prática, procuro a pasta da correspondência de Eduardo. São, além de cartas, folhas soltas com anotações minhas, desenhos e também poemas. Destruir aqueles papéis me faria esquecê-lo definitivamente. Assim, acabaria a dor que, depois de

tantos anos, continua latejando. E se eu lhe escrevesse, devolvendo suas cartas? ainda penso. Eduardo é bem mais que uma gaveta nestes papéis que quero destruir.

Meus dedos amarelam de tanto eu fumar enquanto folheio a pasta. A princípio não sinto dificuldade em simplesmente desfazer-me de páginas e mais páginas de lamúrias. Até que encontro uma passagem, aparentemente sem importância, escrita logo depois do casamento. É divertida e descreve um sonho. Você tem de desligar o gravador, está certo? Está mesmo desligado? Não sei se devo lhe contar.

